



PDL47/07

Câmara Municipal de São Paulo

JUSTIFICATIVA

O SINDICATO UNIFICADO DOS TRABALHADORES SAPATEIROS E COUREIROS DE SÃO PAULO É ENTIDADE SINDICAL COMPROMETIDA COM A BUSCA PELA GARANTIA DOS DIREITOS DE CIDADANIA QUE COM MUITO SACRIFÍCIO E LUTA FORAM ESCRITOS NA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, SUPERANDO O PERÍODO DO REGIME MILITAR.

MUITOS SINDICALISTAS DERAM SUAS VIDAS PARA CONSTRUIR A DEMOCRACIA EM NOSSO PAÍS, VENCENDO O AI-5 E TODA A LEGISLAÇÃO REPRESSIVA NO PERÍODO DE GESTÃO MILITAR E CONSTRUÍDO O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS.

A LUTA DESSE SINDICATO CONTRIBUIU PARA CONQUISTARMOS OS DIREITOS À ANISTIA AOS PRESOS POLÍTICOS DURANTE A DITADURA MILITAR, A CONQUISTA DAS ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESIDENTE DA REPÚBLICA, A ELEIÇÃO DE UM CONGRESSO NACIONAL CONSTITUINTE COM REPRESENTANTES ELEITOS PELO POVO BRASILEIRO, A CONQUISTA DA ELEIÇÃO DOS PREFEITOS DAS CAPITAIS



Câmara Municipal de São Paulo

POR VOTO DIRETO, ACABANDO COM OS PREFEITOS E GOVERNADORES BIÔNICOS, A ORGANIZAÇÃO DE UMA CENTRAL SINDICAL ROMPENDO A ESTRUTURA ATÉ ENTÃO VIGENTE E A CONQUISTAS DE DIREITOS TRABALHISTAS FUNDAMENTAIS PARA OS TRABALHADORES, CONSTRUÍDO UM SINDICALISMO CIDADÃO, QUE PARTICIPA DO CONJUNTO DAS QUESTÕES SOCIAIS QUE ENVOLVE A VIDA DO TRABALHADOR, RESTABELECENDO O ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO, CULMINANDO COM A ELEIÇÃO DE UM OPERÁRIO PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.

A HOMENAGEM AO SINDICATO SIMBOLIZA ESSA LUTA POR UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA, DEMOCRÁTICA, SOLIDÁRIA, EM QUE AS RIQUEZAS SEJAM PARTILHADAS POR TODOS OS BRASILEIROS.

RAZÕES MAIS QUE JUSTIFICÁVEIS PARA A PRESENTE PROPOSITURA POIS SEM ESSA LUTA, TALVEZ NEM TIVÉSSEMOS PARLAMENTO EM NOSSAS CIDADES, E POR TUDO ISSO, E MUITO MAIS QUE AQUI NÃO FOI POSSÍVEL EXPRESSAR, QUE TEMOS ABSOLUTA CONVICÇÃO QUE CONTARÁ COM O APOIO DOS NOBRES VEREADORES E VEREADORAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO.



Câmara Municipal de São Paulo

BREVE HISTÓRICO

SINDICATO UNIFICADO DOS TRABALHADORES SAPATEIROS E COUREIROS DE SÃO PAULO

A organização sindical dos trabalhadores na indústria coureiro-calçadista de São Paulo, remonta ao início da industrialização na região – nas últimas décadas do século 19, quando aqui se instalaram os primeiros curtumes e fábricas de calçados.

No Congresso de Fundação da COB Confederação Operária Brasileira, em 1906, estiveram presentes delegados representativos de associações de curtidores, sapateiros, seleiros e correeiros, algumas das quais participavam da primeira fase da Federação Operária de São Paulo.

A greve geral insurrecional que paralisou São Paulo em junho de 1917, teve como motivo emocional decisivo e imediato a indignação pela morte de um jovem operário sapateiro – Antonio Martinez, vitimado pela ação policial quando ajudava o piquete de paralisação da Tecelagem Mariângela, no Brás.

Coureiros e sapateiros estiveram presentes em todas as lutas sindicais paulistas contribuindo a conquista da redução da jornada de trabalho, da previdência social, do direito a férias, etc.



Câmara Municipal de São Paulo

Na década de 1930, contribuimos com a resistência empreendida pela Federação Operária de São Paulo a oficialização e enquadramento dos Sindicatos Operários pelo recém criado Ministério do Trabalho dirigido por Lindolfo Collor.

Ao final da Guerra, em 1945, um pouco antes da queda da ditadura Vargas, os trabalhadores coureiros e sapateiros constituem a Associação dos Trabalhadores Sapateiros e Curtidores de São Paulo.

Mas o fim da ditadura do Estado Novo, não trouxe a liberdade sindical e a nova Associação entre Trabalhadores Coureiros e Sapateiros continuou impedida pela mesma lei sindical de 1939, que os classificara como categorias e grupos profissionais totalmente distintos.

Assim foi ratificado o registro do Sindicato específico dos sapateiros, ficando os coureiros sem Sindicato próprio até março de 1954, quando as Comissões de Fábricas do Curtume Franco-Brasileiro (1.200 operários, localizado na rua Guaicurus, na Pompéia) e da Casas Casoy (indústria de malas de couro, com 240 operários, localizada na rua Barão de Duprat) formadas desde julho de 1953, na grande greve operária de São Paulo, convocam uma assembléia de trabalhadores em curtumes e em fábricas de artefatos de couro e fundam o Sindicato dos Trabalhadores Coureiros de SP, presidido pelo curtumeiro Remígio Perotti, militante do PCB como a maioria dos demais dirigentes da entidade, que obtem a Carta de Reconhecimento do Ministério do Trabalho em 1955. a primeira sede do Sindicato ficava na rua Asdrúbal do Nascimento, nº 30.

O Sindicato dos Coureiros de São Paulo, participa ativamente da fundação do DIEESE, em final de 1955, instituição que conferiu maior qualidade ao sindicalismo brasileiro desde então.



Câmara Municipal de São Paulo

Coureiros e Sapateiros voltam a greve geral em 1957, 1962 e 1963, sendo essas duas últimas pela conquista do Abono de Natal (13º Salário).

Na eleição sindical de 1963, militantes comunistas ganham a direção do Sindicato dos Sapateiros de SP. Isso os aproxima novamente dos trabalhadores coureiros e a idéia da reunificação volta a ser cogitada. Assim, nas mobilizações pelas reformas de base que agitaram o final do governo Goulart, coureiros e sapateiros participam ativamente, inclusive do grande comício da Central do Brasil no Rio de Janeiro, em 13 de março de 1964, com delegações de dezenas de trabalhadores que lotaram vários vagões ferroviários rumo ao Rio.

Mas o golpe militar de 1º de abril de 1964, estancou esses avanços e esperanças. O Presidente da República eleito é destituído, assumindo logo depois o chefe do golpe militar – General Castelo Branco que alegando o perigo de uma “República Sindicalista”, decreta intervenção nos Sindicatos operários mais ativos dos grandes centros.

As direções sindicais dos sapateiros e dos coureiros de SP são destituídas, demitidas pelas empresas, presas, submetidas a Inquérito militar e perseguidas.

No Sindicato dos Sapateiros a equipe interventora nomeada pela ditadura manteve controle sobre o Sindicato até setembro de 1990. No Sindicato dos Coureiros o interventor é afastado definitivamente em 1977, quando assume como presidente Paulo de Mattos Skromov, trabalhador da Primicia S.A (fábrica de malas e artigos de viagem com 650 operários, então localizada em São Bernardo do Campo).



Câmara Municipal de São Paulo

Militante sindical de esquerda, adversário irreductível da Ditadura Militar que impedira sua posse na direção do Sindicato em 1973 e 1974, a liderança de Skromov representou a retomada da melhor tradição de luta da entidade. O Sindicato passa de 250 para mais de 3.000 associados, ampliando a representação para mais de 1.000 empresas e 12.000 trabalhadores. Dois anos depois os coureiros organizam o Sindiluvás – Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Luvas, Bolsas e Peles de Resguardo e de Material de Segurança e Proteção ao Trabalho do Estado, agregando assim outros 7.000 trabalhadores coureiros que a lei, como no caso dos sapateiros, não permitia que participassem do Sindicato do pessoal de curtumes e de artefatos de couro.

O Sindicato dos Coureiros de SP protagonizou nesse período, a partir de junho de 1977, um papel de vanguarda no movimento sindical brasileiro. Retomou como forma de luta principal a ação direta dos próprios trabalhadores, realizando dezenas de greves nas fábricas do setor e inspirou e orientou outras tantas nas demais categorias. Surfou com desenvoltura a grande onda de greves fabris iniciada com a paralização da Scania e da Wheaton, em 12 de abril de 1978.

Após liderar dezenas de greves fabris em 1977 e 1978, o Sindicato dos Coureiros de SP paraliza as principais fábricas das duas categorias representadas – curtumes e artefatos de couro, em 1979 e em 1983, e greves gerais alternadas numa e noutra categoria nos demais anos do período, com grandes assembléias que lotaram o salão dos metalúrgicos da Rua do Carmo, o salão da Bolsa de Cereais, o salão dos químicos da rua Tamandaré, estacionamentos e quadras esportivas alugados para tal. As assembléias



Câmara Municipal de São Paulo

geralmente terminavam em passeatas de operários coureiros que marchavam ruidosamente pelas ruas da Vila Galvão (em Guarulhos), da Vila Rosina em Caieiras, de Várzea Paulista, da Taiaçupeba em Mogi das Cruzes, do centro de Suzano, na vila Industrial em Campinas, do centro de Penápolis e de Presidente Prudente, e defronte ao TRT na Avenida da Consolação, em SP.

Uma marca desse período foram as mais de 300 representações fabris e Comissões Internas por local de trabalho, constituídas na base do Sindicato dos Coureiros de SP.

Para denunciar a parcialidade do TRT os coureiros cumpriam rigorosamente o ritual da Lei de Greve em suas paralisações, dificultando a declaração judicial de abusividade, instrumento de que se servia o Judiciário Trabalhista para reprimir o direito de greve.

Nas campanhas salariais após a desindustrialização do setor de 1994/95, a utilização ao instrumento da greve tornou-se menos freqüente, mas nunca deixou de ser usada para superar os impasses nas negociações coletivas.

Ao lado dos Metalúrgicos de SBC e de Santo André e dos petroleiros de Paulínia, durante o Congresso dos Industriários do país, realizado em julho de 1978, questionou duramente a orientação conciliadora da CNTI presidida então por Ary Campista.

Essa aproximação com Lula, Benedito Marcilio (com seu companheiro José Cicote) e Jacó Bittar, logo depois com Olívio Dutra (dos bancários gaúchos) e com Wagner Benevides (dos petroleiros de Minas Gerais), levou a formação do



Câmara Municipal de São Paulo

grupo que teve a iniciativa de criar e lançar a proposta do Partido dos Trabalhadores, cuja fundação em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion foi presidida por Paulo Skromov, que foi também autor do ante-projeto da Carta de Princípios do PT, lançada no 1º de Maio de 1979, no Estádio Municipal da Vila Euclides, em SBC.

Da Intersindical que constituíram em dezembro de 1978, e do Encontro Intersindical de Gragoatá (Niterói) nasceria depois a Comissão Organizadora da CONCLAT – Conferencia Nacional da Classe Trabalhadora, realizada em agosto de 1981 na Praia Grande, passo inicial para a formação da Central Única dos Trabalhadores – a CUT.

Dirigentes sindicais coureiros como Paulo Skromov e Geraldo Santiago Pereira, participaram de várias gestões na direção, inclusive nas Executivas da CUT Nacional, Estadual e da CUT Grande São Paulo (nível de direção que não existe mais hoje).

No Sindicato dos Sapateiros a equipe interventora nomeada pela ditadura manteve controle sobre o Sindicato até setembro de 1990. No Sindicato dos Coureiros o interventor é afastado definitivamente em 1977, quando assume como presidente Paulo de Mattos Skromov, trabalhador da Primicia S.A (fábrica de malas e artigos de viagem com 650 operários, então localizada em São Bernardo do Campo).

Militante sindical de esquerda, adversário irreductível da Ditadura Militar que impedira sua posse na direção do Sindicato em 1973 e 1974, a liderança de Skromov representou a retomada da melhor tradição de luta da entidade. O Sindicato passa de 250 para mais de 3.000 associados, ampliando a representação para mais de 1.000 empresas e 12.000 trabalhadores. Dois



Câmara Municipal de São Paulo

anos depois os coureiros organizam o Sindiluvás – Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Luvas, Bolsas e Peles de Resguardo e de Material de Segurança e Proteção ao Trabalho do Estado, agregando assim outros 7.000 trabalhadores coureiros que a lei, como no caso dos sapateiros, não permitia que participassem do Sindicato do pessoal de curtumes e de artefatos de couro.

O Sindicato dos Coureiros de SP protagonizou nesse período, a partir de junho de 1977, um papel de vanguarda no movimento sindical brasileiro. Retomou como forma de luta principal a ação direta dos próprios trabalhadores, realizando dezenas de greves nas fábricas do setor e inspirou e orientou outras tantas nas demais categorias. Surfou com desenvoltura a grande onda de greves fabris iniciada com a paralização da Scania e da Wheaton, em 12 de abril de 1978.

Após liderar dezenas de greves fabris em 1977 e 1978, o Sindicato dos Coureiros de SP paraliza as principais fábricas das duas categorias representadas – curtumes e artefatos de couro, em 1979 e em 1983, e greves gerais alternadas numa e noutra categoria nos demais anos do período, com grandes assembléias que lotaram o salão dos metalúrgicos da Rua do Carmo, o salão da Bolsa de Cereais, o salão dos químicos da rua Tamandaré, estacionamentos e quadras esportivas alugados para tal. As assembléias geralmente terminavam em passeatas de operários coureiros que marchavam ruidosamente pelas ruas da Vila Galvão (em Guarulhos), da Vila Rosina em Caieiras, de Várzea Paulista, da Taiaçupeba em Mogi das Cruzes, do centro de Suzano, na vila Industrial em Campinas, do centro de Penápolis e de Presidente Prudente, e defronte ao TRT na Avenida da Consolação, em SP.



Câmara Municipal de São Paulo

Uma marca desse período foram as mais de 300 representações fabris e Comissões Internas por local de trabalho, constituídas na base do Sindicato dos Coureiros de SP.

Para denunciar a parcialidade do TRT os coureiros cumpriam rigorosamente o ritual da Lei de Greve em suas paralizações, dificultando a declaração judicial de abusividade, instrumento de que se servia o Judiciário Trabalhista para reprimir o direito de greve.

Nas campanhas salariais após a desindustrialização do setor de 1994/95, a utilização ao instrumento da greve tornou-se menos freqüente, mas nunca deixou de ser usada para superar os impasses nas negociações coletivas.

Ao lado dos Metalúrgicos de SBC e de Santo André e dos petroleiros de Paulínia, durante o Congresso dos Industriários do país, realizado em julho de 1978, questionou duramente a orientação conciliadora da CNTI presidida então por Ary Campista.

Essa aproximação com Lula, Benedito Marcilio (com seu companheiro José Cicote) e Jacó Bittar, logo depois com Olívio Dutra (dos bancários gaúchos) e com Wagner Benevides (dos petroleiros de Minas Gerais), levou a formação do grupo que teve a iniciativa de criar e lançar a proposta do Partido dos Trabalhadores, cuja fundação em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion foi presidida por Paulo Skromov, que foi também autor do ante-projeto da Carta de Princípios do PT, lançada no 1º de Maio de 1979, no Estádio Municipal da Vila Euclides, em SBC.



Câmara Municipal de São Paulo

Da Intersindical que constituíram em dezembro de 1978, e do Encontro Intersindical de Gragoatá (Niterói) nasceria depois a Comissão Organizadora da CONCLAT – Conferencia Nacional da Classe Trabalhadora, realizada em agosto de 1981 na Praia Grande, passo inicial para a formação da Central Única dos Trabalhadores – a CUT.

Dirigentes sindicais coureiros como Paulo Skromov e Geraldo Santiago Pereira, participaram de várias gestões na direção, inclusive nas Executivas da CUT Nacional, Estadual e da CUT Grande São Paulo (nível de direção que não existe mais hoje).

Em outubro de 1985, Paulo Skromov foi homenageado pela Câmara Municipal de São Paulo com a outorga do Prêmio “Tancredo Neves”, em reconhecimento por sua luta pela redemocratização do País, recebendo-o das mãos do então prefeito Mário Covas.

O Sindicato dos Coureiros de SP deu apoio decisivo a derrubada de pelegos em outros sindicatos operários como o dos vidreiros, o dos professores (APEOESP), dos bancários, dos plásticos, dos químicos de Osasco, dos coureiros de Campinas, dos coureiros de Botucatu, dos Coureiros de Maringá e na fundação de outros sindicatos como o dos Metroviários, o de Vestuário de Cotia, o dos Mineiros de Barueri e região, o dos Coureiros de Presidente Prudente, dos Coureiros de MG, dos Coureiros de Goiás e MT.

Em 1987 liderados pelo sindicato dos Coureiros de SP os sindicalistas coureiros combativos ganharam a maioria no Conselho Deliberativo da Federação dos Trabalhadores Coureiros de SP, RJ e MG. No ano seguinte, no



Câmara Municipal de São Paulo

1º Congresso da Federação, Paulo Skromov foi eleito para presidi-la e a partir daí a Federação ampliou sua base territorial para outros estados e sua base social para incorporar os trabalhadores em calçados e em luvas e material de segurança.

A criação da Confederação Cutista do Ramo, que inclui além dos coureiros e sapateiros, os têxteis e os vestuaristas, contou com participação destacada dos coureiros e sapateiros de SP. Hoje a CNTV é presidida pelo sapateiro paulistano José Carlos Guedes.

A retomada pelos trabalhadores do Sindicato dos Sapateiros de SP, na eleição de setembro de 1990, com a vitória do movimento de oposição "Pé de Ferro", liderado por José Carlos Guedes, decisivamente apoiado pelos coureiros, reacendeu o sonho da unificação entre coureiros e sapateiros.

A libertação do Sindicato dos Sapateiros ensejou a greve geral dos sapateiros paulistanos em julho de 1991, com saldo de conquistas salariais e sociais e a constituição de várias comissões de fábricas. Naquele momento os sapateiros de SP somavam 25.000 trabalhadores.

Todavia, com o Plano Real e a abertura indiscriminada do mercado interno aos importados em poucos meses, de outubro de 1994 a abril de 1995, dois terços das empresas coureiras e calçadistas fecharam as portas e o número de trabalhadores caiu abruptamente de 45.000 para apenas 15.000, que permanece até hoje.



Câmara Municipal de São Paulo

A unificação do Sindicatos dos Coureiros, do Sindiluvás e dos Sapateiros de SP, deliberada na Conferência de Caraguatatuba, veio, finalmente, em março de 1997 – constituindo o Sindicato Unificado dos Trabalhadores Coureiros e Sapateiros de SP, que se mantém solidamente. Uma experiência inédita e exemplar.

O Sindicato Unificado dos Coureiros e Sapateiros, assumiu a melhor tradição de luta dos sindicatos operários que o constituem. Segue sendo um exemplo de sindicalismo reivindicativo e democrático. Hoje o Sindicato Unificado é presidido por Leonel dos Santos Filho, um dos sapateiros que participaram com destaque da libertação do sindicato calçadista em 1990.